

A outra razão: a filosofia da troca e do poder nas narrativas dos dirigentes de futebol¹

Luiz Guilherme Burlamaqui Soares Porto Rocha (UFF/RJ)

Resumo: No ano passado, tive a oportunidade de realizar um conjunto significativo de entrevistas com os dirigentes de futebol, em especial com os antigos presidentes do Clube de Regatas do Flamengo e do Fluminense Futebol Clube. Com as entrevistas, eu tentava reconstituir a visão de mundo destes grupos, a maneira e a forma através das quais estes imaginavam e representavam a política. Num sentido mais geral, pude observar que, nestes relatos, a política era imaginada em torno dos eixos centrais do sacrifício e do valor honorífico em relação ao grupo, isso porque privilegiava-se na narrativa era o dispêndio que se fazia "desinteressadamente" em prol do clube. Esta narrativas contrastavam vivamente com as representações cotidianas veiculadas nos media em torno dos dirigentes do futebol ('os cartolas'), que, grosso modo, o apresentam como "interessados" em levar algum tipo de vantagem do esporte. Dessa forma, lançando mão dos problemas teóricos da antropologia, cruzando à abordagem metodológica em História Oral, observei como estas representações deveriam ser aproximadas à análise do paradigma do dom e da dádiva, situado (como observou Alain Caillé) entre o interesse e o desinteresse (amento). Por outro lado, observaria diferenças significativas entre os próprios dirigentes, de modo que era impossível falar em tipo único de cartola, mas cartolas no plural, porque representavam segmentos sociais diversos, no que chamei (com Marshal Sahlins) de estilos de direção.

Palavras-chave: trocas-dádiva, presidentes de futebol, espetacularização-esporte.

Introdução:

A última fase da espetacularização do futebol transformou, em diversos países, o engajamento dos dirigentes esportivos sob o signo da pertença em estatuto anacrônico. Na Inglaterra, por exemplo, a tradicional figura do *chairman* – membro eleito para comandar o clube pela comunidade, em geral, uma figura de proeminência local – foi progressivamente diluída pela figura do *proprietário* – homens de negócio dispostos a lucrar economicamente com a aquisição de um time de futebol; de início (fins dos anos 1980), eram, sobretudo ingleses, mas, à medida que a *English Premier League* se globalizou, os donos dos times passaram a ser recrutados em todos, sobretudo, bilionários dos Estados Unidos, do Leste Europeu, do Oriente Médio e dos cognominados Tigres Asiáticos. No Brasil, porém, o avanço das forças de mercado

¹ Trabalho apresentado na 28ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 02 e 05 de julho em São Paulo, SP, Brasil.

sobre o campo futebolístico não implicaram na dissolução do “cartola” amador, mas na coexistência de diversos *estilos de direção*. As disputas simbólicas sobre o significado de “ser dirigente de futebol” se intensificaram nos últimos decênios; numa divisão tipicamente-ideal, de um lado, existiriam os “novos gestores do futebol” – cujo traço distintivo seria o conhecimento da “gramática empresarial” – e os “dirigentes tradicionais”.

É forçoso dizer que a diferença essencial entre estes dois *estilos de direção* reside na categoria de *pertencimento clubístico*, tal como formulado por Arlei Damo: de um lado, os dirigentes *presos* pelos inquebrantáveis laços da pertença ao clube (e, algumas exceções, sobretudo, os exitosos podem transitar junto às entidades administrativas como a CBF, às Federações, o Clube dos 13 e até mesmo a FIFA); de outro, os dirigentes capazes de *circular* entre os diversos clubes livremente, sob a regulação das leis do mercado, da oferta e da procura. Salvo exceções verdadeiramente traumáticas, os dirigentes engajados sob a efígie da pertença sofrem o interdito da atuação no clube de futebol rival – o caso de Francisco Horta, presidente do Fluminense Futebol Clube com uma rápida passagem no Clube de Regatas do Flamengo, se configura um verdadeiro *tabu* na sua trajetória. Sendo assim, basta lembrar que numa longa entrevista que realizei com Francisco Horta, o silêncio sobre sua passagem no Flamengo era tão revelador quanto o muito que me disse sobre suas glórias tricolores. Seguindo Arlei Damo, o mote do futebol-espetáculo se dá pelo *pertencimento clubístico*, da mesma forma a matriz do engajamento dos dirigentes com os quais trabalho se constrói a partir do vínculo com o clube.

Tomando essa distinção como referencial, delimita-se que a minha pesquisa versa exclusivamente sobre os dirigentes cujo engajamento nos clubes se dá pelo *signo da pertença*, deixando de lado, a não ser quando do ponto de vista relacional, os que se engajam por razões de outro tipo. Durante o desenrolar do meu mestrado, tive a oportunidade de realizar uma série de entrevistas – até o momento foram oito, mas pretendo fazer mais algumas – com dirigentes de futebol, sobretudo presidentes de clube, além de realizar um levantamento extenso (ainda incompleto) de periódicos, sobretudo o *Jornal dos Sports*, na Biblioteca Nacional, focalizando tais dirigentes veiculados aos clubes pelo signo da pertença. Com o levantamento na imprensa pude penetrar na intensa rede de intrigas, fofocas e disputas entre facções, nas quais os mais

diversos dirigentes estão inseridos. Nesse sentido, não existe (quase) nenhuma homogeneidade entre os dirigentes ligados ao clube pelo signo da pertença, sobretudo, se levarmos em consideração a perspectiva diacrônica, isso porque são disputas simbólicas constantes sobre o monopólio da definição legítima do que é ser dirigente e/ou presidente, do que seja o clube ou a agremiação, do que seja administrar, etc.² as que prevalecem.

As fontes orais, por outro lado, permitem adentrar nos mitos que os dirigentes contam sobre si mesmos, mas que dizem também algo sobre as suas práticas. Tomando-os como referencial, tentei delimitar o que chamei de “uma filosofia política da chefia esportiva”. Neste particular, a instigante leitura, um tanto ao acaso, do ensaio do etnólogo Pierre Clastres – “*Troca e poder: a filosofia da chefia indígena*” (1989) – foi uma verdadeira centelha de despertar ao desenvolvimento da pesquisa, pois me permitiu unificar uma série de discursos em torno de uma teoria bastante sólida. Entre os dirigentes, a dupla dimensão “da troca e do poder” está de tal forma imbrincada que o ingresso na política é visto como uma “doação”, o sacrifício que se faz ao clube – a generosidade do chefe diante do grupo, aqui, muito antes de ser uma escolha individual, é uma “servidão”, inerente à posição da *chefia*.

Conquanto a categoria de dádiva/ doação seja a que fundamenta o discurso e as práticas políticas dos dirigentes de futebol engajados sob o signo da pertença, ela não é a única. Há toda uma gama de qualidades (inatas e/ou adquiridas) permeiam o imaginário da dirigência esportiva componentes de “um sistema mítico-ritual”, fornecedor, por sua vez, dos elementos elementares da filosofia da chefia. Desvelar esse “sistema mítico-ritual” é o objetivo desta comunicação; para tanto, fracionei o texto em três qualidades diversas do que seja o papel dos dirigentes de futebol: 1) a política vista como uma forma de *dádiva*/ sacrifício ao clube; 2) a economia política da honra; 3) as máscaras sociais dos dirigentes como *símbolos* do clubismo.

A política como doação:

Se há uma constante entre as narrativas dos dirigentes marcados pelo signo da pertença é que a política realizada no interior dos conselhos de clubes é vivida e

² Basta ver pela própria “superfície social” dos dirigentes, tomando como parâmetro as próprias alianças com as demais esferas da vida social – como o apoio de grupos da imprensa, de políticos, etc. – indicam diferenças substanciais entre as facções existentes no interior do clube que se multiplicaram à medida que a espetacularização do futebol intensificou a divisão do trabalho no interior da esfera clubística.

imaginada sob a efígie e a simbólica do sacrifício. No que os historiadores das fontes orais, em particular, Alessandro Portelli, costumam designar como o “mito fundador”³ é a onipresença de uma *estrutura mítica* em uma multiplicidade de trajetórias sem relação aparente entre si, em que se os mesmos valores são encenados. Nas entrevistas mais detalhadas e nas narrativas mais prolongadas, quase sempre, em ambiente privado – seja a própria casa, ou seja, o local de trabalho –, o dirigente é procurado por um grupo de amigos ou um indivíduo solitário em que se faz o convite cargo – em geral, recusado até o último minuto, pedindo o costumeiro “tempo para pensar”⁴. Aliás, a *ação do tempo*, como observou Pierre Bourdieu, é fundamental em relações de tipo dadivoso, pois as coloca *em suspenso*, permitindo certo espaço de manejo dos agentes sociais. De toda a forma, o que temos de fundo é a ideia de que não se procura o cargo de dirigente, mas se é procurado por ele, quase como um chamamento cristão, uma forma de sacrifício que não se pode recusar. A utopia dirigente é que, nas eleições para a presidência, não haja adversário algum, tanto porque não se quer arriscar o prestígio encarnado na sua *persona*, quanto como o reforço simbólico da ideologia do sacrifício, pois o dirigente apenas submete-se a candidatura quando, não havendo outra escolha, é aclamado de forma unânime pelo grupo.

De qualquer maneira, o caso excepcional e, exatamente, por isso, paradigmático do sacrifício talvez possa ser encontrado verdadeiro acontecimento mítico que foi a morte de Gilberto Cardoso, aquele que é designado como o “o maior presidente da história do Flamengo”, “o presidente eterno”, etc. Comandado pelo legendário treinador Kanela, o Flamengo, então tetracampeão estadual (o time viria a ser deca campeão), disputava uma partida contra o fortíssimo Clube Sírio e Libanês de São Paulo. A partida estava equilibrada e o Flamengo havia perdido em São Paulo, quando no último momento, o armador Guguta acertou a cesta decisiva: resultado Flamengo 45 X 44⁵Sírio. Gilberto Cardoso, presente no estádio que hoje leva o seu nome – o Maracanãzinho – não aguentou as emoções da partida, sofrendo um ataque cardíaco fulminante, padecendo no Estacionamento antes mesmo de chegar ao Hospital. A morte de Gilberto Cardoso – homem de meia idade, muito estressado com a profissão de médico e a função de presidente do Flamengo, ligeiramente acima do peso – por enfarto teria sido um acontecimento banal, não fosse o contexto ritual que a envolveu. O lugar

³ “The best-garbage man in town. Life and times of Valter Peppoloni, worker”. **The Death of Luigi Trastulli and other stories: form and meaning in Oral History**. New York, Suny University Press, 1991.

⁴ “A ação do tempo”. In: **O senso prático**. Petrópolis, Vozes, 2008.

⁵ “A emoção da vitória fulminou o presidente Gilberto Cardoso”, pg. 5 Jornal dos Sports. 26/11/1955.

que a envolveu – um jogo de basquete, o último minuto, o Maracanãzinho – é absolutamente central, pois “nem todos os momentos do dia ou do ano são igualmente propícios ao sacrifício e há mesmo alguns que os excluem. (...) O próprio local de cena deve ser *sagrado*: fora de um local santo a imolação não é mais que um assassinato” (MAUSS & HUBERT: 31-32) Fora dali, o ataque cardíaco de Gilberto Cardoso não seria nada além de uma morte banal: no Maracanãzinho, mas tendo ocorrido *in extremis* do jogo, se converteu em *acontecimento mítico*.

O enterro de Gilberto Cardoso levou milhares às ruas da cidade do Rio Janeiro para prestar as últimas homenagens “àquele que ao Flamengo deu a vida como sacrifício”⁶. À beira do túmulo, a apoteose de saudade que marcara o seu enterro fez com que Dário de Mello Pinto tomasse a iniciativa de elegê-lo *benemérito* do Flamengo⁷, sob o silêncio aprobatório do Conselho. A sensação geral era de que o Flamengo “estava devendo ao Gilberto Cardoso pela soma geral de serviços prestados”⁸. Alguns meses depois quando o rubro-negro se sagrou tricampeão, ao vencer a equipe do América-RJ, a manchete dos jornais reproduzia uma fala de Mário Jorge Lobo Zagallo: “Saldamos uma *dívida* com Gilberto Cardoso”⁹. Extasiados com a vitória, correu a cidade a estória de que os torcedores saltaram os muros do cemitério São João Batista para celebrar – junto ao líder – a vitória.

Na crônica-obituário, Filho argumenta que a figura de Gilberto mais do que qualquer outro presidente ou torcedor era a encarnação viva do que é o Flamengo: “*Ele era o Flamengo*”¹⁰, bradava o título de sua coluna. Certamente o sentimento de Mário Filho era compartilhado por diversas pessoas. Destaca-se que a capacidade de Mário Filho em ler os acontecimentos foi descrita por minúcias por José Sérgio Leite Lopes, isso porque o cronista detinha a capacidade singular de dramatizar os eventos à luz da linguagem popularesca, de forma que se pode pensar num elo quase indissociável entre poética de Mário Filho – o criador e a criatura das multidões – e o sentimento do homem comum. Neste particular, adianto-lhes que a morte de Gilberto Cardoso abre a ideia (desenvolvida adiante) que os dirigentes são modelos *de* e modelos *para*, são símbolos do os torcedores compreender que seja o clubismo.

⁶ *Jornal dos Sports*, 27/11/1955.

⁷ “Foi uma consagração simbólica, configurando a prova de que o Flamengo ficou devendo a Gilberto Cardoso. (...) A soma considerável de serviços prestados – inclusive o perecimento com plena vibração da vitória – por si só atestavam os merecimentos do pranteado desportista”, pg. 8. *Jornal dos Sports*. 27/11/1955

⁸ *Idem*, pg. 7.

⁹ “Saldamos a dívida com Gilberto Cardoso”. *Jornal dos Sports*. 3/5/1956.

¹⁰ Crônica: “Ele era o Flamengo”. *Jornal dos Sports*, 27/11/1955.

A tipologia construída por Marshall Sahlins em que o *evento* (prescrito)– a morte de Gilberto Cardoso – é lido de uma determinada forma pelos agentes criados em uma *estrutura mítica* (performática) (2008: 35-43) é, neste particular, absolutamente central. Anos depois, as *Histórias do Flamengo*, Mário Filho diz que a morte do presidente não havia sido uma bela morte, mas um verdadeiro ato de devoção, de entrega, de doação: “um suicídio de amor”. A política como forma de devoção encontrava sua expressão plena como a entrega da própria vida ao *objeto de crença*, no que Marcel Mauss definiu como a forma “suprema [da] contraprestação” (Mauss, 1974).

“Imagine-se, noutro clube, Gilberto Cardoso? Estaria vivo até hoje, mas não teria vivido mais intensamente do que qualquer amante aquela lua de mel furiosa de dia e de noite com o Flamengo. Entregaram-lhe o Flamengo para que o amasse à vontade. E Gilberto Cardoso amou o Flamengo, minuto a minuto, sabendo, que o sabia que aquele amor o ia consumir, como uma chama, sem parar. (...) Não faltava a um só match a uma só prova do Flamengo. E vibrava tanto num gol como numa cortada ou numa cesta. Ou numa chegada de remo ou de atletismo, a quilha de um *out-rigger* [tipo de barco de remo] cruzando a meta, o peito de um atleta cortando o cordão de lã. Era *grato*, de uma gratidão enternecida, por todos o que lutavam pelo Flamengo, que davam com uma vitória ao Flamengo. Não sabia como pegar o momento de alegria ou de prazer, pois era prazer mesmo que recebera, como uma *dádiva*. (...) Daí a peregrinação quase religiosa que fazia do Palácio do Catete, ao Palácio Guanabara, aos institutos em busca de um emprego público para um atleta. Era como umromeiro visitando Igrejas. Ou subindo as escadas da Penha. Tornara-se médico da família, o velho médico desaparecido de quem vestia a causa rubro-negra. Não cobrava nada, poderiam chama-lo a qualquer hora, ia mesmo sem ser chamado para ver como estava passando o doente e levar-lhe remédios. Por isso, teve que abandonar o consultório, onde não era encontrado nunca a não ser quando alguém do Flamengo lhe pedia a consulta. Só atendia a atletas ou parentes de atletas. Era preciso um caso especialíssimo, de amigo ou de cliente de antigo para abrir exceção. Vivia exclusivamente par o Flamengo. Ou de Flamengo para ser mais exato. (...) Sabia que o coração não ia aguentar. De certo modo, suicidava-se, conscientemente, de olhos abertos pelo Flamengo. Quem poderia impedir este suicídio de amor?” (64-65: 1967)

A morte de Gilberto Cardoso não é a metáfora da política como doação ao clube, mas a hipérbole da entrega total, o sacrifício supremo. Aliás, como nos casos, analisados por Marcel Mauss, em que os familiares vivem na fortuna após a entrega do pai à comunidade, pois o suicídio como *potlatch* garantiria a honra da família e a fortuna aos descendentes. Apesar das infinitas diferenças, Gilberto Cardoso Filho é o único filho de presidente a dirigir o Clube de Regatas do Flamengo. A filiação clubística é – como disse Christian Bromberger – um “verdadeiro capital simbólico que se

transmite de pai para filho” (1995: 43). Foi nesse sentido que o antropólogo Arlei Damo aviltou a hipótese do futebol e do *pertencimento clubístico* ser fruto de uma tradição do patriarcalismo residual ainda presente na nossa sociedade, dado que se transmite de pai para filho, em que a mulher, na maior parte das vezes, é englobada pela filiação masculina. (Damo, 2005) No clube, a filiação masculina ao time do coração é uma regra que, mais do que entre os torcedores, não permite exceções, salvo alguns imigrantes engajados tardiamente na política do clube, como Márcio Braga e George Helal, por exemplo, que são vistos com preconceito e, mesmo desdém, pelos demais, considerado “arrivistas”.

Economia política da honra

Além de ser lugar da *devoção*, os clubes podem ser aproximados daquilo que Émile Durkheim designou, pensando nas Igrejas, sobretudo, de *comunidades morais*. Numa discussão relativamente ultrapassada, o sociólogo diferenciava a *magia* – fenômeno puramente individual, – da religião – fenômeno essencialmente coletivo –, chamando atenção para o fato de que as igrejas não são apenas locais de culto, mas de formação de uma moralidade coletiva:

“um colégio de sacerdotes não é uma igreja, como tampouco o seria uma congregação religiosa que restasse a algum santo, na sombra do claustro, um culto particular. Uma Igreja não é simplesmente uma confraria sacerdotal; é a *comunidade moral* formada por todos os crentes de uma mesma fé, tanto os fiéis como os sacerdotes.” (DURKHEIM, 2002: 31)

Seguindo uma indicação metodológica do antropólogo argentino Eduardo Archetti (1999), se o clube faz compor uma *comunidade moral*, então, por mais paradoxal que isso possa parecer, não haverá momento melhor para análise do que os agentes compreendem ser essa *moralidade* do que as épocas de crise. Cabe, então, olhar para o presente e para o Clube de Regatas do Flamengo, que, nos últimos tempos, padece com a sequência de maus resultados. É preciso dizer que essa moralidade está em processo de larga transformação, pois de uma configuração que em 1978, quando na *Noite dos Grandes-Beneméritos* do Clube de Regatas do Flamengo, as mulheres eram designadas sob a rubrica de “a filha de...”; “a esposa de...”, etc. para, em fins de 2009, eleger a primeira mulher-presidente *de facto* de um clube de futebol, pouca coisa permaneceu.

Sendo assim, a governança da presidenta Patrícia Amorim foi marcada pelas turbulências, pelas agitações, pelas crises. Depois de ter assumido logo após a conquista do título brasileiro, a presidenta desfez o time vitorioso, contratou técnicos pífios, como Silas e Rogério Lourenço, etc. e a badalada contratação de Ronaldinho Gaúcho não logrou os resultados esperados. Mesmo antes de Patrícia Amorim ser eleita um de seus principais aliados políticos me declarou não acreditar no seu êxito porque “você sabe? futebol é coisa para homem, e é por aí mesmo...”. No início de 2012, a demissão do treinador vedete Vanderlei Luxemburgo se tornou alvo de críticas de diversos setores da imprensa e da torcida. Antes de ser demitido, o treinador incrédulo havia declarado a um assessor duvidar de tal postura, pois “a Patrícia não teria coragem para tanto, porque ela não tem aquilo *roxo*”. A situação da agremiação rubro-negra, tampouco de sua presidente, não melhorou. A presidente Patrícia Amorim passou a ser representada nos veículos de comunicação de forma devastadora: ela era “a presidente do parquinho”, “a presidente pusilânime”, “a que fraqueja na hora decisiva”, “a presidente dos esportes olímpicos”, etc. Chegava-se mesmo a especular sobre quem realmente mandava no clube, no que era respondido sem pestanejar de forma absolutamente límpida – “o marido tricolor de Patrícia”¹¹. A própria Patrícia Amorim chegou a declarar o seu desconforto nas reuniões de dirigentes, por ser a única mulher ela não é tratada com *igualdade em honra*, mas com subserviência:

“Nas reuniões do Clube dos 13, era sempre a única mulher. Havia um excesso de gentileza, de preocupação. Quando tem excesso, é porque as pessoas querem mostrar que não estão desconfortáveis. Mas no fundo estão. E tem também o tom pejorativo das críticas. Nesta hora é Patricinha, Presidente do parquinho...”¹²

A guilhotina rubro-negra não cortaria apenas a cabeça do treinador vedete, pois também o Diretor de futebol, Júlio Mota [nome fictício], que, segundo informações vazadas na imprensa não escapou incólume aos maus resultados. A situação de Júlio Mota se tornou insustentável diante do fato de sua mulher ter relações de amizade de longa data com Patrícia Amorim e, sobretudo, porque, entre a sociedade cortesã rubro-negra, Mota fora apelidado de “Tonho da Lua”. Ao ser comparado personagem da Novela *Mulheres de Areia*, um despossuído de suas faculdades mentais, apaixonado por uma vilã que o submetia às suas vontades. Acima de tudo, o apelido indicava que Júlio

¹¹ Crônica “O primeiro marido”. Disponível em <http://oglobo.globo.com/esportes/rmp/posts/2012/04/10/primeiro-marido-439608.asp>, Acesso às 18: 23. Dia 19/4/2012.

¹² “60 % das críticas são porque sou mulher. Entrevista com Patrícia Amorim”. Jornal O Globo. Rio de Janeiro, 20/4/2012.

Mota não era *homem íntegro*, pois estava longe de suas faculdades mentais plenas, subjugava-se aos mandos e aos desmandos de uma mulher, por isso era incapaz de ser firme e de exercer sua condição viril. Ao ser comparado a um doente mental, a Júlio Mota era impingida a maior das desonras, ele fora destituído de sua condição de *igualdade* em honra com os demais homens, colocado do lado dos dementes, dos meninos e das mulheres.

Todavia, a chefatura do universo futebolística não é o lugar para os loucos e para as mulheres; ela é o espaço, por excelência dos homens de honra, um lugar de exaltação da masculinidade. A chefia do clube é o lugar “daqueles que não se esquivam de suas responsabilidades”, que cumprem sua função seu papel de homem. Seguindo Pierre Bourdieu, “o homem de honra é aquele que mantém a sua palavra e contém as suas palavras, aquele do qual se diz: ‘É um homem e uma palavra’”. (Bourdieu, 2002: 27)

No universo da chefia futebolística, quase todas as trocas são expressas sob o signo da palavra que se confunde com o próprio homem (“o fio do bigode”). Não à toa Marcel Mauss escreveu que “muito antes de assinarem seu nome, os homens souberam empenhar suas *honra*”¹³. Nas trocas que se realizam entre os dirigentes, o que se empenha é a honra, a “palavra”. Talvez seja mais difícil encontrar algum dirigente capaz de encarnar com maior exatidão o que seja o protótipo do *homem de honra* do que João Havelange. O ex-presidente da FIFA costuma dizer que “quando empenha a sua palavra não falha; quando é solicitado por amigo, *não recusa*”.

Segue-se que uma das fábulas mais interessantes é a de que o famoso contrato FIFA/ Adidas – ou melhor, Havelange/ Horst Dasler –, embora proclamado logo após a sua ascensão à presidência da entidade máxima do futebol mundial, não seria assinado em papel timbrado até meados dos anos 1980, construído sobre o fio do bigode. Essa historieta me parece uma chave de interpretação muito eficaz para se pensar as relações entre as dádivas e as mercadorias no contexto de mercantilização do futebol, o que será feito alhures.

A impossibilidade da recusa a um pedido de amigo, e, ao mesmo tempo, a obrigatoriedade de “manter e conter as palavras” marca a responsabilidade do homem com a sua linhagem, com seu nome, com seus semelhantes. Não é à toa que a mitologia encene que uma das maiores crises políticas na alta cúpula do futebol brasileiro tenha

¹³ “Ensaio sobre a dádiva”, pg. 241. In: **Sociologia & Antropologia**. São Paulo, Cosac & Naify, 2003.

sido mediada por uma querela familiar, a separação de sua filha Ana Havelange do seu genro, Ricardo Teixeira. Dessa forma,

“O *ethos da honra* opõe-se, no seu próprio princípio, a uma moral universal e formal, afirmando a igualdade em dignidade de todos os homens e, conseqüentemente, a identidade dos direitos e deveres (...) todas as relações são vividas segundo o modelo das relações de parentesco (‘ajuda os teus tenham eles razão ou não’), e por outro, as regras que valem com estranhos.” (Bourdieu, 2002: 34)

O *ethos da honra* faz com que os deveres morais com a linhagem assumam toda uma aura de sacralidade. Não há dever e obrigação mais sagrada do que os deveres com o próprio nome, em conservar a linhagem, em salvaguardar o nome da família. Se o clubismo pode ser hipoteticamente pensado à luz do patriarcalismo, por que não as diversas comunidades futebolísticas não podem ser imaginadas como linhagens de parentesco contemporâneo? Talvez, os próprios clubes indique pensar que os próprios clubes sejam verdadeiras linhagens sociais modernas, com feições e características próprias, “com cheiro”, como me disse Francisco Horta. Daí porque o presidente, a cabeça e o símbolo da linhagem, tem toda uma série de obrigações com os seus súditos.

As máscaras sociais do clubismo:

No final dos anos 1980, era com os dizeres: “O senhor é meu Castor. Nada me faltará” que os torcedores do Bangu Atlético Clube recepcionavam seus ídolos no Maracanã. Malgrado a presença de craques como Marinho, Baby e Ado, Castor de Andrade era o verdadeiro herói da localidade, justamente o “melhor amigo” do torcedor banguense, pois havia feito o time competir em escala nacional. Tão forte é a imbricação entre o clube e o líder que, muito recentemente anos depois da morte do contraventor, deparei-me, assistindo a um jogo do Bangu, com dezenas de Castores-de-pelúcia tremulando nas arquibancadas. Por uma feliz coincidência, o líder mítico havia se convertido em *totem*. De forma espantosa, a relação de Castor de Andrade e a sua relação com o Bangu fazem lembrar algumas sociedades “arcaicas”, descritas por Marcel Mauss, em que “o chefe era indistinguível do clã, da família e da tribo que dizia representar” (2003: 231).

A verdadeira *devoção* da torcida banguense à Castor de Andrade se deveu, sem dúvida, ao fato de que, com ele sob a batuta, o time logrou resultados excepcionais, logrando, em 1985, ao vice-campeonato brasileiro. Ainda assim, se o desempenho da

equipe é inegavelmente central para a construção da figura do presidente, pois é no resultado da agremiação futebolística em que ele arrisca e catalisa toda uma variedade de capitais; ela não é, nem de longe, o elemento definidor da identidade da torcida com o dirigente. De acordo com o etnólogo francês Christian Bromberger reforça a minha a hipótese ao afirmar que verdadeiro estágio de excitação idolátrica que Bernard Tapie despertava entre os torcedores do Olympique de Marseille se deveu mais do que o sucesso dos resultados em nível europeu, mas pelo fato de que o empreendedor exalava, cada vez que se punha a falar, os valores da cidade portuária, sob a alcunha dos três “R” (“rêve, risque et rire” [Sonho, Risco e Riso]) (1995: 321). A idolatria que um dirigente exerce sobre os torcedores está relacionada, antes de tudo, ao fato de que a torcida se sinta *representada* por ele, em que os valores por ela idealizados sejam incorporados na figura do presidente. Segundo Matías Godio ter dito que, embora não se pode afirmar estatisticamente que a maioria dos presidentes dos Estudiantes de La Plata seja composta por profissionais liberais, e a do Gimnásia y Esgrima seja de empresários, o imaginário torcedor tornar essa representação “verossímil”, justamente porque “são os valores veiculados pelas profissões aqueles que determinam a eficácia simbólica para os integrantes de um grupo”. (GODIO: 2010)

Seguindo uma pista inspirada por Clifford Geertz, os dirigentes de futebol devem ser pensados como *símbolos* de um *ethos* de grupo, em sua dimensão dupla como modelos *de* e modelos *para*, pois “eles expressam o clima do mundo e o modelam”. Daí que “os símbolos sagrados servem para sintetizar o *ethos* de um povo – o tom, o caráter e a qualidade da sua vida, seu estilo e disposições morais e estéticos – e sua visão de mundo – o quadro que fazem do que são as coisas na sua simples atualidade, suas ideias mais abrangentes sobre ordem” (1978: 104) Apesar da polifonia da arquibancada, pois os próprios torcedores não compõem um grupo homogêneo, há algo que os unifica e que se designou muito genericamente como “clubismo”. A todo o momento, ainda que de forma inconsciente, os dirigentes travestem as máscaras sociais do clubismo; tanto ao lançar mão de acessórios, objetos físicos mesmo que representem seus clubes [penso, por exemplo, na cartola tricolor que Francisco Horta portava nos jogos importantes do Fluminense ou no charuto, no suspensório e na barba de Eurico Miranda e até mesmo no cachorro do botafoguense Carlito Rocha, Biriba], seja na representação cotidiana do *eu*, que, invariavelmente, representa um *ethos* de uma comunidade, de uma *linhagem*.

Quando entrevistei Francisco Horta, ele me fez passear por toda *Associação Geral dos Comerciantes do Rio de Janeiro* “a associação civil mais antiga do Rio de Janeiro”, cumprimentando pessoa a pessoa, chamando a todos pelo nome, sendo gentil com cada um ao mesmo tempo em que me mostrava ser assim cotidianamente. Entramos, enfim, em uma sala de reunião com a parede repleta de fotos de beneméritos da associação, Horta aponta para a parede e proclama: “Está vendo aquele senhor ali? Pois bem, foi quem me deu a toga de juiz. Foi meu professor de Direito, fez questão de entregar. Está vendo este prédio? É a Associação Geral dos Comerciantes do Rio de Janeiro, trabalho aqui há vinte e cinco anos. Todos gratuitamente. Hoje, sou grande-benemérito”. Diante de mim, em estado latente, o *ethos* tricolor em sua forma pura, um *símbolo vivificado*. A máscara vestida pelo dirigente nos diversos momentos de representação pública fá-lo representar em vistas públicas as características sociais do seu próprio grupo.

Referências bibliográficas:

ARCHETTI, Eduardo. **Masculinities**: Football, polo and tango in Argentina. Oslo: Berg, 1999.

BOURDIEU, Pierre. “O sentido da honra na sociedade Cabila” (1965). In: **Esboço de uma teoria da prática**: precedido por três estudos de etnologia Cabila. Oeiras, Celta Editora, 2002.

BOURDIEU, Pierre. “A ação do tempo”. In: **O senso prático**. Petrópolis, Editora Vozes, 2009.

BROMBERGER, Christian. **Le match du football**: ethnologie d’une passion partisaine à Naples, Marseille et Turin.

CLASTRES, Pierre. **Society Against the State**. New York, Zone Books, 1989.

DAMO, Arlei S. “Do dom à profissão”: uma etnografia do futebol espetáculo a partir da formação de futebolistas no Brasil e na França. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Antropologia da UFRGS. Porto Alegre, 2005. 435 f.

DAMO, Arlei S. **Do dom à profissão**: a formação de futebolistas no Brasil e na França. Porto Alegre, Rotschild Editores, 2007.

DAMO, Arlei S. Os usos das categorias profissionalismo e amadorismo como categorias sociológicas. Comunicação Apresentada no GT Esporte, Política e Cultura. XVI Reunião da ANPOCS. Caxambu, 2002.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo, Martins Fontes, 1996.

FILHO, Mário Rodrigues. **Histórias do Flamengo**. Rio de Janeiro, Editora Record, 1967

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.

GODIO, Matías. “Somos todos hombres de platea”. Tese de Doutorado apresentada ao programa de Antropologia Social da UFSC, Santa Catarina, 2010.

GUEDES, Simoni L. “Lógicas da emoção”. Rev. bras. Ciências Sociais. vol.18 número. 51. São Paulo Feb. 2003

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O clube como vontade e como representação**: a formação das torcidas organizadas no Rio de Janeiro (1967-1988). Rio de Janeiro, Editora Sette Letras, 2010.

MAUSS, Marcel. “Sobre um texto de Posidônio, o suicídio, a suprema contraprestação”. In: Ensaio de sociologia. São Paulo, Perspectiva, 2003.

MAUSS, Marcel. “Ensaio sobre a dádiva: forma e razão de troca nas sociedades arcaicas”. In: **Sociologia e antropologia**. São Paulo, Cosac & Naify, 2003

MAUSS, Marcel e HUBERT, Henri. **Sobre o sacrifício**: ensaio sobre a natureza e a função social do sacrifício. São Paulo, Cosac & Naify.

PORTELLI, Alessandro. “Valtero Peppolloni, the best garbage man in town”. In: The Death of Luigi Trastulli and other essays: form and meaning in Oral History. NY, Suny University Press.

SAHLINS, Marshall. **Metáforas históricas e realidades míticas**: estruturas nos primórdios da história dos reinos das Ilhas Sandwich. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2008.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Lógicas do futebol**. São Paulo, Hucitec, 2002.